

**"FIM DO MUNDO É ISSO AQUI":
REFLETINDO SOBRE AS OBRAS DE AILTON KRENAK COM ADOLESCENTES
NA SOCIOEDUCAÇÃO EM INTERNAÇÃO**

Ana Clara de Oliveira Peixoto¹

Resumo: Baseado nas obras e pensamentos do escritor e filósofo, Ailton Krenak, foi construída e proposta uma aula com adolescentes que cumprem medida de internação no Rio de Janeiro. O objetivo desse artigo é mostrar como o pensamento krenakiano reverberou dentro da sala de aula com os educandos e como foi para eles descobrirem o autor por trás dos livros. A partir do encontro dos adolescentes com as obras do líder indígena, objetivou-se aqui relacionar o autor com o pensamento de Freire sobre a educação popular e a problemática do Antropoceno, difundida pela antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing. Para além desses elementos, a intenção dessa escrita foi fazer com que seja possível perceber que a temática trazida por Ailton Krenak, pode ser aplicada nos mais diferentes espaços, passando por ressignificações.

Palavras-chave: Socioeducação; Educação Popular; Sonhos; Krenak.

**"THE END OF THE WORLD IS HERE":
REFLECTING ON THE WORKS OF AILTON KRENAK WITH ADOLESCENTS IN
SOCIOEDUCATION IN DEPRIVATION OF FREEDOM**

Abstract: Based on the works and thoughts of the writer and philosopher, Ailton Krenak, a lesson was created and proposed with teenagers who are serving a detention order in Rio de Janeiro. The objective of this article is to show how Krenakian thought reverberated within the classroom with students and what it was like for them to discover the author behind the works. Based on the adolescents' encounter with the works of the indigenous leader, the aim here is to relate the author with Freire's thoughts on popular education and the issues of the Anthropocene, disseminated by anthropologist Anna Lowenhaupt Tsing. In addition to these elements, the intention of this writing is to make it possible to understand that the theme brought by Ailton Krenak can be applied in the most different spaces, going through resignifications.

Keywords: Socioeducation; Popular Education; Dreams; Krenak.

SOBRE A IDEIA DE TRAZER KRENAK PARA SOCIOEDUCAÇÃO EM INTERNAÇÃO

Antes de apresentar ao leitor as principais ideias que embasam este texto, é importante explicar brevemente o que é o Departamento de Gestão e Ações Socioeducativas do Rio de Janeiro. O DEGASE é o órgão responsável por cuidar das medidas socioeducativas que o adolescente que cometeu ato infracional precisa

¹Doutoranda no PPGEdu – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: anaclaraoliveira.peixoto@gmail.com

cumprir. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990) prevê quais serão as consequências pelo ato infracional cometido, sendo a maior delas a privação da liberdade. O adolescente pode permanecer de seis meses a três anos em reclusão. Contudo, o ECA prevê que esse interno tenha os direitos básicos assegurados, como educação, apoio psicológico, assistência religiosa, entre outros. Além do Estatuto da Criança e do Adolescente, também há o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), órgão responsável pela regulamentação da execução das medidas socioeducativas.

Mesmo dentro do regime fechado, o adolescente precisa estar matriculado na escola, recebendo educação formal. Além disso, ele pode realizar atividades educativas que sejam oferecidas na privação. É nessa atividade paralela à formal que a escrita deste trabalho é pensada: dentro da abordagem da educação popular. Esse encontro se deu por meio de práticas de educação popular dentro do Departamento Geral de Ações Socioeducativas no Centro de Socioeducação Gelso de Carvalho Amaral (GCA), unidade masculina de acautelamento (porta de entrada) do DEGASE. Basicamente, quando um adolescente é apreendido, ele passa por uma espécie de triagem para saber se será internado ou se poderá responder de outra forma. O GCA seria essa espécie de “purgatório”, entre a liberdade e a privação.

Por ser uma unidade de acautelamento, os adolescentes não frequentam a escola formal e têm prazo máximo legal para permanecerem no espaço de internação. Teoricamente, o tempo de permanência no CENSE-GCA não poderia ultrapassar 72 horas. Contudo, por questões como superlotação e atraso entre os órgãos na documentação, o prazo nem sempre é cumprido conforme a lei. Durante os encontros semanais com os educandos, é comum encontrar jovens que participaram do encontro anterior. Inclusive, inicialmente, o plano de aula realizado seria o mesmo ou semelhante, já que, considerando os três dias de permanência, a cada semana o grupo de adolescentes seria novo. No entanto, devido a episódios em que os alunos aparecem em aulas seguidas, foi necessário readaptar a ideia do plano de aula devido à presença desses adolescentes em aulas passadas.

Realizadas as explicações iniciais, a elaboração do plano de aula que refletisse os trabalhos do filósofo e líder indígena Ailton Krenak surgiu em um dos encontros

semanais, enquanto discutíamos a questão racial a partir do conto *Rolézim*, do livro *O sol na cabeça: contos* (2018), do escritor Geovani Martins. Enquanto falávamos sobre periferias, conversamos sobre raça, pensando na negritude. Outras autoras, como Carolina Maria de Jesus e sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2004) e o conceito de Escrivência criado pela escritora Conceição Evaristo, também foram apresentados naquele dia. Durante a curiosidade dos alunos em descobrir leituras não hegemônicas e entre as trocas de brincadeiras e apelidos entre eles, foi possível perceber algo fundamental para a ideia da escrita deste trabalho. Os adolescentes que cumprem medida socioeducativa muitas vezes se identificam pelo vulgo² que usavam na rua. Um dos educandos presente nesse encontro tinha o vulgo de “indiozinho”. Os outros internos diziam que ele parecia com uma pessoa indígena. Ele disse que esse era seu vulgo “na pista” e que possuía herança indígena de seus avós maternos. O adolescente tentou explicar sobre seus avós para o grupo e, durante a sua fala, se desculpou porque “não sabia dizer muito bem” a história do Povo Indígena. Os outros alunos também mostraram dificuldade para entender e trouxeram visões extremamente estereotipadas dos povos originários. Algumas falas como “o índio é analfabeto que nem a gente”, “não existe mais tanto índio assim”, “programa de índio”, “índio só tem na Amazônia” foram ditas. Conversamos sobre algumas dessas imagens que eles tinham socialmente construído.

Os encontros geralmente são conduzidos em dupla e nessa aula, por coincidência, tinha em minha mochila o livro *A vida não é útil* do Krenak. Rapidamente mostrei o escritor e o livro materializado e eles ficaram extremamente surpresos. Um deles perguntou: “ele é índio de verdade?”. Conversamos um pouco sobre expressões como “índio” e de onde vinham essas ideias que eles reproduziam. Foi possível perceber um dos princípios básicos da educação popular: a oportunidade de partir da pergunta do educando e construir algo coletivo, como nesse caso, para descaracterizar ideias impregnadas de estereótipos presentes na figura do indígena. Foram falas muito marcantes que fizeram com que surgisse a necessidade de pensar

² Expressão utilizada em ambientes de privação de liberdade, crime e no militarismo para expressar nome de guerra de alguém; apelido.

escritores indígenas dentro da socioeducação em internação através do prisma da Educação Popular.

Entender a importância de compreender a limitação não só dos educandos com o tema, como as nossas enquanto educadores, mostrou-se um caminho possível para o aprendizado coletivo onde os “meninos” não sentissem que ocupavam lugar de passividade, mas que pudessem ter liberdade para colocar suas dúvidas e questionamentos em debate. No artigo *A pesquisa participante: um momento da educação popular* (2007), os professores Carlos Rodrigues Brandão e Maristela Correa Borges, mostram como a educação popular e a pesquisa participante estão diretamente atreladas, pensando na construção coletiva para a transformação social, sem a hierarquia sujeito/objeto. Defendendo que

É através do exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador. (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 54).

Sendo assim, para a construção desta aula como para pensarmos a escrita deste artigo, é importante fixar-se na máxima de que a ideia de conhecimento científico e popular não são pensadas como antagônicas ou hierarquizadas. Assim como a forma de ver o mundo dos educandos e suas falas, não são descartadas, pois apenas com a compreensão e o entendimento do lugar que eles falam, seria possível refletir a temática conjuntamente. É conforme Godinho et al. (2020) em *Desafios da educação popular em contextos de privação de liberdade* defende a respeito do diálogo

O diálogo implica o reconhecimento do Outro como protagonista de experiências e saberes, ambos marcados por sua posição de classe, raça, gênero e sexualidade. Os breves momentos de atividades educativas que acontecem nas prisões podem funcionar como pequenas janelas, que permitem olhar para fora e enxergar além da realidade imediata, de disciplina e privação de liberdade (GODINHO et al, 2020, p. 6).

Além dessa análise a respeito do diálogo, os autores pensam as especificidades das práticas de educação popular dentro dos espaços de privação de liberdade e como elas são decisivas no processo de autonomia desses sujeitos que

também lidarão com a dinâmica do controle dos corpos e com o imaginário que a educação é para “adoçamento do ser”, como se a educação em si também servisse como utilidade para algo. O artigo apresenta como a educação popular pode ser um espaço de possibilidades dentro da privação de liberdade. Aqui também poderemos vislumbrar essa observação de Ana Godinho (2020), quando apresentada a aula no tópico 3. A partir desse cenário, pensando nas obras de Ailton Krenak, foram traçados elementos que estão presentes na filosofia indígena e que também dialogam com a educação popular e se encontram no imaginário do adolescente que está na privação: sonhos, a necessidade dessa produção desenfreada, busca por dinheiro, a utilidade da vida e outras questões que são abordadas pelo autor. É possível observar que, mesmo Krenak olhando para um plano macro, refletindo a humanidade através da filosofia indígena, seu pensamento pode ser fundamental para construir junto dos adolescentes que estão no socioeducativo.

O APRENDER COLETIVO: SABER CONTAR UNS COM OS OUTROS

Para refletir sobre as inquietações que levaram à construção desses encontros, pensando na epistemologia indígena na obra de Ailton Krenak, é fundamental reconhecer o lugar de ignorância que nós, educadores comprometidos em elaborar essas aulas, tínhamos sobre a filosofia dos povos originários. Foi necessário assumir que também precisávamos beber em outras fontes e entender que não tínhamos o conhecimento pronto. Durante nossas descobertas, fomos elaborando sobre como o pensamento de Freire e da educação popular se articulavam com o momento que estávamos enfrentando. É sempre grandioso quando discutimos esse “lugar do educador” e reconhecemos coletivamente nossas limitações. Ou seja, a criação desses encontros trata do momento em si, mas possui uma força significativa no processo de aprendizagem que passamos enquanto equipe. Durante as reuniões, várias conexões iam sendo realizadas e enquanto líamos as obras de Krenak nos nossos círculos internos de formação, pensávamos em como os pensamentos se aliaram às nossas práticas. Ter entendimento do estereótipo que os adolescentes carregavam e entender que nós também nos sujeitamos a visões limitadas quando pensávamos que essa leitura não seria “relevante” para a privação de liberdade.

É imprescindível entender que educar não é transferir conhecimento, como já dizia Freire (2004) em *Pedagogia da autonomia*. Além de ter em mente que o educando não é receptáculo de ideias alheias, é fundamental que haja honestidade e responsabilidade do educador quanto aos assuntos que ele trabalha em sala de aula. É preciso se preocupar com a qualidade e com a confiabilidade das informações que são trocadas nos encontros formativos. É necessário planejar até onde há conhecimento sobre determinado assunto e, sentindo a necessidade, propor-se a buscar coletivamente acúmulos para que não nos voltemos para uma educação que reproduza o senso comum e perpetue preconceitos.

Por essa razão, antes de pensar no assunto com os adolescentes, realizamos debates em pequenos encontros que discutiram três obras de Ailton Krenak que seriam levadas para os encontros. Foram elas: *Ideias para adiar o fim do mundo* (KRENAK, 2019), *A vida não é útil* (KRENAK, 2020) e *O amanhã não está à venda* (KRENAK, 2020). Durante os debates, também fomos trazendo acúmulos de outras referências e acompanhando entrevistas do escritor sobre suas obras.

Aprendemos juntos sobre o povo e a origem do nome Krenak (cabeça (kre) da terra (nak)) e realizamos um apanhado histórico para entender mais sobre a filosofia dos autores indígenas. O livro com o qual iniciamos a leitura foi *O amanhã não está à venda* (2020). A ideia da prática era comentar os trechos e, conforme surgissem pensamentos que se relacionassem com os adolescentes em internação e a realidade da socioeducação, isso fosse pontuado. Assim, ao final, teríamos uma espécie de mosaico de ideias e pontos convergentes, sendo mais fácil relacionar a discussão teórica com atividades didáticas para trabalhar na internação.

O primeiro trecho destacado da leitura de Krenak (2020, p. 5) foi: “[...] estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e sociedades. De modo que há uma sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela e isso também foi naturalizado”. Ailton Krenak escreveu esse texto quando a pandemia de Covid-19 estava no seu ápice e durante a escrita, o autor vai mostrando como a intervenção humana, muito atrelada à ideia de progresso, suprime e destrói tudo o que está à sua volta em busca desse avanço. Tal avanço que vai criando mais e mais desigualdades e coloca corpos vulneráveis para padecer.

Essa sub-humanidade a que o autor se refere não se trata especificamente dos indígenas, quilombolas ou de grupos que não ocupam os grandes centros urbanos. Esse progresso é responsável pelo encarceramento da população não branca, pela sociedade patriarcal, capacitista, transfóbica e opressora na qual estamos inseridos. A grande questão é que esse poder se manifesta de formas diferentes, refinando a sua atuação e ataque a cada grupo que ele queira exterminar.

Pensar nas diferentes ferramentas que esse Estado usa para oprimir determinados grupos e indivíduos propõe a reflexão da importância de entender a luta unificada. Mesmo que cada um de nós esteja inserido em quadros diferentes e que cada realidade demande organização política e debates mais específicos, não se pode ter uma visão segmentada sobre as lutas. O extermínio dos povos indígenas deve ser encarado com a mesma seriedade e indignação que o encarceramento em massa da população negra. A escritora e feminista negra e lésbica Audre Lorde defendeu em sua obra de título original *There is no hierarchy of oppression* (1990), que não existe hierarquia de opressão. Não podemos nos dar ao luxo de escolher pelo que vamos nos indignar, já que o Estado que mata mulheres é o mesmo que se ausenta nas discussões sobre a população em situação de rua. Ou seja, a divisão deve ser feita unicamente para organização e conhecimentos específicos da causa. Não é prerrogativa para estar alheio aos outros debates e pautas.

Outro trecho discutido na leitura diz respeito ao Antropoceno. Essa parte especificamente fez com que a antropóloga americana Anna Tsing surgisse no debate. Escritora de várias obras, entre elas: *Viver nas Ruínas: Paisagens Multiespécies no Antropoceno* (TSING, 2019), a autora exemplifica, através de sua pesquisa, estudos que refletem o trecho a seguir do autor mineiro

Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19 (KRENAK, 2020, p. 5).

A professora e antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing não escreveu seu livro durante a pandemia de Covid-19. Sua obra foi publicada um ano antes; contudo, ela teoriza sobre cogumelos matsutakes (*Tricholoma matsutake*), um alimento famoso e

caro encontrado no Japão. Durante a escrita, Tsing mostra, através de estudos biológicos e geográficos, como o cogumelo consegue se proliferar e sobreviver sem nenhuma intervenção do ser humano. Além disso, ela traz casos que falam da descoberta desses cogumelos em algumas regiões de florestas no Japão e como os comerciantes e interessados na produção do alimento realizaram intervenções para que houvesse um aumento dessa produtividade, o que não foi possível. Os matsutakes se mostraram resistentes à intervenção e foram morrendo à medida que as tecnologias humanas de proliferação iam surgindo. A antropóloga narra outros casos de como a intervenção humana, pensando no capital e na produtividade, foi destrutiva para biomas em diversos locais do globo. Pensando nisso, a autora faz a crítica ao Antropoceno e mostra, assim como Ailton Krenak, como nossa sede por dinheiro está por exterminar nós mesmos e a Terra. Em *A vida não é útil* (2020, p. 13), o filósofo escreveu: “Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro”. Ou seja, há diversas produções não apenas em nosso continente, mas literalmente no outro lado do mundo, que apontam como a produtividade e o avanço defendidos pelo tecido social no qual estamos inseridos afetam a vida e o funcionamento natural e autônomo de outros seres no planeta.

Além de nos colocarmos no foco de tudo, como se a vida precisasse da humanidade para existir, também tratamos a “improdutividade” alheia como sinal de fraqueza, despesa e insignificância. O outro não é para nós o que ele quer ou o que ele sonha, é o que ele possui e o quanto produz. É a vida humana precificada. Citando Foucault, o filósofo ameríndio reflete

Michel Foucault tem uma obra fantástica, *Vigiar e punir*, na qual afirma que essa sociedade de mercado em que vivemos só considera o ser humano útil quando está produzindo. Com o avanço do capitalismo, foram criados os instrumentos de deixar viver e de fazer morrer: quando o indivíduo para de produzir, passa a ser uma despesa. Ou você produz as condições para se manter vivo ou produz as condições para morrer (KRENAK, 2020, p. 7).

Na socioeducação em internação, como no cárcere de modo geral, é possível ver estampada essa lógica que o autor critica do “deixar viver e fazer morrer”. É interessante a escolha de Krenak em citar Foucault e referenciar essa obra

especificamente porque nos ajuda a pensar em um ponto comum entre a questão da privação da liberdade e a filosofia dos Povos Indígenas. Michel Foucault trabalha o conceito de “biopoder”, nos apresentando duas divisões: a biopolítica e a disciplina. Para o autor (1999), a biopolítica é responsável pelo controle social e a disciplina pelo adestramento do indivíduo. É através do biopoder que é escolhido quem poderá viver e quem deverá morrer. Em uma sociedade neoliberal e capitalista, vive quem tem mais poder aquisitivo, quem está no topo da pirâmide dos privilégios. Já, os deixados a margem, marcados pela questão social e racial, terão de lutar pela sobrevivência. Os Povos Indígenas vivem a luta para sobreviver dentro desse biopoder assim como os corpos encarcerados. Contudo, dentro da privação de liberdade há também a presença da disciplina total dos corpos, logo esses sujeitos que já sofreram a racialização e são alvos por causa da biopolítica, continuarão sendo flagelados e vistos como desperdício pelo sistema e pela sociedade. *Vigiar e punir* é um livro que fala diretamente do controle dos corpos encarcerados. Não apenas dos corpos, mas de como a prisão, enquanto instituição total, afeta a construção do ser. A lógica da inutilidade se acentua na vida do apenado quando ele recebe o estigma do presidiário. Tal controle serve também como uma sinalização de que a subjetividade daquele indivíduo não será priorizada, tudo isso na justificativa da punição. O filósofo cita:

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento (FOUCAULT, 1999, p. 198).

A citação acima parece fazer referência a como domesticar um animal, e é de fato essa a lógica que circunda a privação de liberdade, sinalizada há tempos por Michel Foucault e outros autores que pensam a privação de liberdade. Foucault apresenta o estigma do improdutivo que é extremamente direcionado a pessoas que cumprem medidas/pena. Ou seja, sujeitos que a própria sociedade e o senso comum estabeleceram que não podem conviver com outras pessoas e que precisam ser afastados.

Angela Davis (2021, p. 2) em “Estarão as prisões obsoletas?” traz a reflexão: “Durante minha carreira como ativista vi o número de presídios crescer com tanta rapidez que muitas pessoas de comunidades negras, latinas e nativo-americanas

agora têm mais chances de ir para prisão do que conseguir uma educação decente”. Davis, descreve um contexto estadunidense, trazendo o complexo industrial prisional dos EUA, contudo, muito do que é revelado sobre o sistema prisional, seja no contexto norte americano ou em países da América Latina, nos ajuda a pensar paralelos que podem ser feitos sobre a socioeducação em privação de liberdade que, em certa medida, funciona de maneira análoga ao sistema carcerário. A privação de liberdade no Brasil é pensada na lógica capitalista de produção. Diversas indústrias e empresas ocupam espaço nesses lugares à procura de mão de obra barata e da reprodução de um discurso hegemônico que retroalimenta a estrutura que é responsável pelo encarceramento. Enfiam o veneno goela abaixo para poder vender o antídoto com a ideia de que estão “salvando” pessoas aprisionadas.

A segunda leitura discutida com os educadores foi *A vida não é útil* (Krenak, 2020). Nessa leitura, o escritor discorre sobre como os seres humanos, inseridos na lógica de produção do capitalismo, pensam na vida como algo que precisa servir para alguma função. Ailton defende que a vida não é como uma bicicleta ou um aparelho eletrônico na cozinha. Essa discussão é muito cara para o contexto da socioeducação em internação, já que durante a passagem dos adolescentes, uma das inquietações que mais aparece é o que eles estão fazendo com as suas vidas e como eles entendem o valor da existência deles. O imaginário social de que o preso/interno é uma despesa para a sociedade e que eles já fracassaram e não há outras grandes alternativas, também é presente no discurso dos adolescentes que passam a tratar suas existências como algo irrelevante e efêmero. A lógica do fracasso passa a ser internalizada.

Em alguns encontros discutimos a respeito de seus sonhos. Muitos se dizem incapazes de sonhar, alegando que não há sentido em pensar em uma realidade que nunca alcançarão. A ideia deles de sonho também é muito atrelada a mudança de vida. Sonhar em ter uma casa, carros e ganhar muito dinheiro. Pensar a filosofia indígena e como ela encara o universo onírico foi um dos debates mais discutidos a respeito dessa obra. O filósofo traz novas formas de pensar a vida e os sonhos, defendendo que

Sonhar é uma prática que pode ser entendida como regime cultural em que, de manhã cedo, as pessoas contam o sonho que tiveram. Não como uma atividade pública, mas de caráter íntimo. Você não conta seu sonho em uma praça, mas para as pessoas com quem tem uma relação. O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível (KRENAK, 2020, p. 37).

Pensar através do prisma das ideias de Krenak, levando em conta o contexto que esses adolescentes vivem, é refletir sobre novas maneiras de trabalhar a autoestima desses jovens, entendendo autoestima como a forma como eles enxergam o outro, a si mesmos e entendem a posição deles no mundo. Aqui, estamos nos referindo a adolescentes que antes mesmo de passarem pela socioeducação, enfrentaram em suas vidas questões como evasão escolar, violência policial, falta de acesso a direitos básicos, entre outras inúmeras violações. São alunos que não tiveram seus sonhos compartilhados e incentivados. Quando conversamos a respeito de suas vidas, eles falam olhando para um passado: “eu tinha vontade de fazer isso”, “eu sonhava com isso, mas faz muito tempo”. Depoimentos como esses, saem da boca de jovens entre 14 e 17 anos, que não acreditam que há mais tempo para pensar e compartilhar sonhos, memórias e desejos. Esse sentimento não é criado “do nada”, mas é fruto das raízes mais profundas da sociedade capitalista, onde sonhar vira sinônimo de empreender. O discurso da meritocracia passa a tomar forma e a individualização dos problemas sociais recai sobre os grupos marginalizados. Ou seja, não é apenas uma corrida contra o tempo, as ideias neoliberais nos mostram que há grupos específicos que terão suas narrativas silenciadas e serão impossibilitados do “simples” ato de sonhar.

Percebemos uma dificuldade em entender que quando o autor fala de sonhos, ele não se refere ao que você almeja, quer realizar. Ele pensa sonho em comunidade, como elemento constitutivo: “O tipo de sonho a que eu me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno.” (KRENAK, 2020. p. 9) A tendência de individualizarmos nossos sonhos e passarmos

por eles como se fossem dispensáveis é comum. Não paramos para nos escutar e não temos oportunidade de escutar o outro. Pensar essa questão em comunidade é criar formas de olhar para a vida no nosso entorno.

É um desafio estar inserido na lógica capitalista e pensar que sonhar pode ser uma prática despretensiosa, de troca e que não é necessário submeter tal ação ao capital. Pelo contrário, é possível, através da filosofia dos Povos Indígenas, subverter a lógica neoliberal. O discurso de que só é possível sonhar e conquistar sozinho e que “certas pessoas” podem sonhar até certo ponto. Entender o sonho como prática social e de construção de uma comunidade de sonhadores, é um processo de resgate histórico de sonhos ancestrais silenciados pelo colonizador e que até hoje o sistema tenta apagar. Resgatar essa prática é pensar no presente dos educandos, mas também no passado histórico que foi silenciado. É projetar um futuro com pluralidades do universo onírico.

A última obra que compôs o ciclo temático de formação dos educadores foi *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), uma das leituras mais conhecidas do filósofo. Nesse livro, há uma crítica e um chamado poderoso para pensarmos nossa necessidade de ocupar lugares que criticamos. Por que caminhamos para tomar o lugar de nossos algozes e repetir o pensamento mercadológico? A escrita é provocativa para pensarmos a legitimidade dos lugares que pensamos querer alcançar, Ailton Krenak segue dizendo: “[...] Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?”. Será que não estamos sempre atualizando aquela nossa velha disposição para a servidão voluntária?” (KRENAK, 2019 p.13) O autor também vai construindo a crítica de como esse complexo faz com que o indivíduo perca o sentido da luta, por ser acoplado a esse sistema ou por ter seu ser mortificado pelas estratégias do regime capitalista liberal. Nas palavras dele

Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que conhecemos é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria. Antes de essa pessoa contribuir, em qualquer sentido, para abrir uma janela de respiro a essa nossa ansiedade de perder o seio da mãe, vem logo um aparato artificial para dar mais um tempo de canseira na gente (KRENAK, 2019, p. 64).

Encontrar essas frases na escrita do autor foi importante para o grupo que sentiu liberdade para falar a respeito do cansaço. Tratar das insuficiências, fracassos, desgastes e frustrações. Sentimentos que naturalmente farão parte do processo na luta contra o poder hegemônico excludente. Muitas vezes, questões como saúde mental, sentimento de solidão e de “enxugar gelo” são colocados em segundo plano. Empurrar desabafos como esses para “baixo do tapete” é extremamente destrutivo. Como o autor trabalha com a ideia de repartir e pensar em comunidade, entende-se que esse grupo de pessoas também deve estar aberto para compartilhar as dificuldades.

É nessa escrita que Krenak novamente traz a questão do sonho e da finalidade que é imposta para o ato de sonhar. Por ter sido um dos elementos mais discutidos durante nossa leitura, essa temática foi escolhida como proposta inicial para a criação da aula com os adolescentes. O autor traz a imagem do paraquedas fazendo o seguinte questionamento

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada (KRENAK, 2019, p. 66).

A partir desse pensamento e dos acúmulos realizados nos encontros formativos, pensou-se na construção de uma aula que não apenas mostrasse aos adolescentes quem é Ailton Krenak e o olhar não eurocêntrico que ele se debruça, como também (e principalmente) tentar realizar atividades práticas que partissem das conversas sobre as obras e que dialogassem com as experiências de mundo desses educandos.

PENSANDO KRENAK COM OS ADOLESCENTES: É POSSÍVEL SONHAR PRESO?

Começar a escrever sobre o plano de aula a partir dessa pergunta: “é possível sonhar preso?” É um grande desafio, pois, mesmo atuando na socioeducação em internação, há uma grande diferença entre circular no espaço e poder sair ou saber

que não poderá ir a lugar algum. Deixamos então que eles respondessem essa questão.

Os meninos entraram na sala e os livros trabalhados com a equipe de educadores estavam em cima da mesa. Sempre muito retraídos, eles foram tomando coragem aos poucos de pegar nas obras e folhear as páginas. Em cima da mesa também havia fotos de Ailton Krenak e imagens diversas de indígenas em outros espaços fora os apresentados comumente. Enquanto eles iam se acomodando, fomos conversando a respeito da proposta que tínhamos para o encontro. Falamos brevemente das leituras e pedimos para que eles tentassem pensar, a partir do título, do que a obra se tratava. Um dos adolescentes, que estava com um dos livros nas mãos, leu em voz alta: “Ideias para adiar o fim do mundo? O que é o fim do mundo? Fim do mundo é isso aqui”. A partir dessa fala fomos caminhando pela dinâmica que eles traziam e conversando com alguns pontos do plano de aula e dos debates que realizamos juntos enquanto equipe. Perguntamos porque a privação de liberdade é o fim do mundo. Eles foram citando a ausência da família, as oportunidades perdidas e a própria condição de ser um adolescente que não pode se movimentar livremente. Enquanto falavam, perguntamos se eles teriam interesse de descobrir as ideias para adiar o fim do mundo, pensando na realidade que eles se encontravam.

Mostramos os materiais e de dentro de uma caixa, tiramos algumas palavras e combinamos de organizá-las por ordem de prioridade para eles. Havia as seguintes palavras: dinheiro, emprego, sonhos, felicidade, vida e tempo. Pedimos para que eles decidissem em grupo o que era mais importante, antes de falarmos sobre as palavras. Era um grupo de 6 adolescentes entre 14 e 16 anos. Depois de alguns minutos a ordem escolhida foi: vida, dinheiro, emprego, felicidade, tempo e sonhos. Como eles estavam mais descontraídos por conta da dinâmica inicial e de poderem decidir a ordem no quadro de palavras, pedimos para que explicassem a escolha da escala. Éramos dois educadores em sala. Os adolescentes começaram explicando da seguinte forma:

1. VIDA: **“vida porque sem ela num dá pra fazer nada né, professora. Então, tem que ter vida pra ter as outras coisas, né? Tá certo?”** Rimos e dissemos

que fazia sentido, mas que não havia certo e errado e que eles poderiam continuar.

2. DINHEIRO: **“tem que ter”** todos eles afirmaram que dinheiro era algo fundamental e que não dá para fazer grandes coisas sem ele. Eles mencionaram que só colocaram vida na frente porque era óbvio, mas se não fosse isso, o dinheiro ganharia. Muitos ressaltaram a preocupação em ajudar a família e dois dos adolescentes eram pais.
3. EMPREGO: sobre emprego eles disseram que **“é ruim, mas se não der pra conseguir de outro jeito, tem que trabalhar”**. Também narram experiências de quando tentaram buscar trabalhos e passaram por racismo e preconceitos diversos.
4. FELICIDADE: foi uma das palavras que eles tiveram mais dificuldade de explicar, afirmavam **“é muito importante”**, mas não sabiam pensar em momentos de felicidade. Um dos adolescentes disse que era difícil de pensar em felicidade estando preso.
5. TEMPO: disseram que era um dos últimos porque na vida que levavam, o **“tempo acabava antes de começar”** e que **“isso faz parte do corre”**.
6. SONHOS: **“não sonhava nem na pista, como vou sonhar aqui? Eu sonho em sair daqui.”**

Foram muitas afirmações sobre cada palavra escolhida, mas fomos selecionando o que o coletivo trazia com mais força. As frases foram muito impactantes e perceber que os adolescentes colocam dinheiro como objetivo fundamental e felicidade e tempo como coisas secundárias foi doloroso, mas foi um caminho interessante para dar continuidade ao pensamento da filosofia indígena. A partir da ordem que eles escolheram, fomos conversando. Primeiro, falando da vida,

perguntamos se eles se sentiam vivos. Inicialmente, eles levaram na brincadeira, mas depois começaram a fazer reflexões sobre a internação e até momentos de suas vidas antes de estarem no DEGASE. Começamos a pensar o sentido da vida e como as pessoas, de modo geral, levam suas existências. Depois travamos o debate a respeito do dinheiro: “por que dinheiro é tão importante?” Eles levantaram a questão da ostentação e do entendimento que dinheiro era status social, mas foram além disso. Um dos adolescentes disse que o dinheiro era importante porque não queria que a filha passasse pelas mesmas necessidades que ele enfrentou. Ao passo que um deles realizava narrativas confessionais mais íntimas, os outros também se encorajavam. Dissemos que entendemos a importância que o dinheiro tem para nossa sociedade, o que ele representa. Mas, devolvemos perguntas para eles refletirem como: “mas o que adianta tu ter dinheiro para dar a sua filha se você não tiver tempo?”, “para que tanto dinheiro se você não consegue ser feliz?” e fomos realizando trocas a partir dos depoimentos que eles compartilhavam no coletivo.

A partir dessas trocas, fomos indagando a respeito das outras palavras, até que chegamos na última: sonhos. Perguntamos se eles sonham com alguma coisa. Alguns tentaram lembrar qual foi a última vez que sonharam. Muitos relataram pesadelos dentro da internação. Outros disseram que já haviam sonhado em ser jogadores de futebol, bombeiro e advogados, mas que não havia mais tempo, então deixaram de sonhar. Também defenderam que “sonho é uma bobagem” e que eles precisam lidar cotidianamente com a realidade. Começamos então a compartilhar nossas quimeras. Não falamos apenas de sonhos profissionais ou para uma finalidade específica. Comecei a falar de como sonho que estou comendo algo bom e acordo com vontade de ter aquele alimento que comia dormindo. Alguns disseram que tiveram sonhos parecidos e começaram a compartilhar sonhos que tiveram ou que tinham recorrentemente, mas que no primeiro momento não viam sentido em dizer. Falaram dos sonhos que tinham na infância, dos sonhos que as avós contavam para eles e que serviam como uma espécie de aviso e de proteção. Um dos adolescentes disse que sonhou com o nome que daria para o filho, antes mesmo de saber que a companheira estava grávida. Passamos um longo tempo compartilhando nossos

sonhos e costurando nossos depoimentos com passagens do livro que discutimos coletivamente.

Explicamos o que Ailton Krenak queria dizer sobre essa utilidade da vida e como nós nos impedimos de pensar em conversas como aquelas que estávamos tendo, que eram igualmente importantes. Pedimos para que eles lessem alguns trechos dos livros, como quando o autor cita: “A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos” (KRENAK, 2020, p. 14), percorrendo sobre pontos da escrita que eram próximos à realidade deles. Falamos sobre as ideias de adiar o fim do mundo e um deles brincou que deveríamos ter “ideias para adiar o fim da aula” porque construímos um espaço leve naquele momento, um lugar de liberdade, autonomia de ideias e trocas, dentro da internação. Dentro da sala de aula, por algumas horas, conseguimos subverter a lógica do espaço. Tratamos de discutir como a estrutura é planejada para que eles pensem que sonhar é algo insignificante, dispensável, mas que eles poderiam criar e compartilhar esses mundos novos que surgiam na cabeça deles.

Ao final da aula, eles perguntaram se poderiam reorganizar o quadro de palavras. Dissemos que sim, mas infelizmente o tempo acabou. Um dos agentes apareceu na porta e disse que era hora de a aula terminar. Eles pareceram tristes, então dissemos que eles poderiam fazer o exercício de organizar essas palavras na cabeça deles, como exercício diário, entendendo a dificuldade de não cair na cilada de não sonhar. E que eles lembrassem que mesmo parecendo o contrário, haveria pessoas que estariam interessadas em escutar e falar a respeito de seus sonhos e que essa era uma forma de mostrar que eles estavam abertos para outras realidades e jeitos de ver a vida.

E AS GERAÇÕES DE AGORA?

As considerações finais deste trabalho surgem na forma de provocação, como o próprio autor propõe em sua escrita. Krenak diz que vivemos em uma sociedade que simula preocupar-se com as gerações futuras e todo o “avanço” proposto é baseado nessa prerrogativa. Mas esse discurso é fundamentado em uma ideia

inalcançável, pois ele é usado há tempos como forma de alegar que todo o sacrifício, perdas e exploração que o ser humano realiza contra sua e outras espécies é para uma causa maior. Só que as gerações futuras já são do passado e esse pensamento continua a existir. O autor em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2020, p. 68) indaga: “Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras?”. Essa resposta de que a solução de tudo se dará num futuro próximo nos coloca mais distante de pensar em planos e políticas públicas efetivas para o agora.

Mediante a escrita apresentada, é necessário pensarmos em como a academia tem lidado com essas questões. Sabe-se que há um movimento forte de autores e pesquisadores em prol da defesa de um discurso menos elitizado e academicista que abarque outras formas de ser e encarar o mundo. É importante que a universidade se abra cada vez mais para essas teorias e sujeitos que reivindicam formas outras de olharmos a vida como a conhecemos. Pensar nas obras de Ailton Krenak e de outros teóricos que entendem que o ser humano não é o centro do mundo e que tensionem as mazelas do capitalismo é um bom começo para adiarmos o fim do mundo. É urgente que educadores em espaços formais e não formais busquem conhecer e entender o que essas epistemologias defendem e que mostrem aos seus educandos que há possibilidades de sonhar, pensar e compartilhar coletivamente. Que a busca por nós mesmos e pelo outro é mais importante do que a fome pelo avanço e a sede pelo dinheiro.

Por fim, pensando a socioeducação em internação, é necessário que haja entendimento de que os adolescentes possuem direitos e devem ser apresentados a outras leituras que tratam de temas que vão atravessá-los. Não é porque eles vivem a realidade da privação de liberdade que filosofias indígenas, pensamentos decoloniais e pesquisas que pensam de um outro lugar não sejam para eles. Pelo contrário. Em pedagogia dos sonhos possíveis, Freire (2001, p. 22) diz que: “o processo de alfabetização válido entre nós é aquele que (...) não se satisfaz apenas (...) com a leitura da palavra, mas que se dedica também a estabelecer uma relação dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, a leitura da realidade”. É urgente que esses adolescentes conheçam novas formas de lidar com a realidade, compreendendo que a vida deles é importante, não por conta de seus bens ou quanto

eles sabem ler, escrever e compreender um texto. Também não se trata de um emprego ou ter muito dinheiro. Educ(ações) que adiam o fim do mundo devem se preocupar com reinindic(ações) que alterem a realidade próxima, mas sem tirar o foco da juventude do agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, A. **Estarão as prisões obsoletas?** Tradução: Marina Vargas, 2. ed. Rio de Janeiro, Difel, 2018.

EVARISTO, C. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]. TVBRASIL, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 15 mar. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GODINHO, A.; JULIÃO, E.; ONOFRE, E. Desafios da educação popular em contextos de privação de liberdade. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 52, p. e 17100, 2020.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Francisco Alves, 2004.

KRENAK, A. **A vida não é útil.** Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2020.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LORDE, A. **Irmã Outsider: ensaios e conferências.** Autêntica Editora, 2019.

MARTINS, G. **O sol na cabeça.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRANDÃO, C.; BORGES, M. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008.

TSING, A. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno.** Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.



Criar Educação, Criciúma, v. 14, nº 1, jan/jul 2025.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Recebido em março de 2024

Aprovado em maio de 2024.